

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Pogingen iets van het leven te maken*

Autor: *Hendrik Groen*

Copyright © 2014 Hendrik Groen en Meulenhoff Boekerij bv, Amsterdam

Edição portuguesa publicada por acordo com Meulenhoff Boekerij B.V., em conjunto com 2 Seas Literary Agency e The Ella Sher Literary Agency

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução do holandês: *Susana Canhoto*

Revisão: *Paulo Pimenta e Sónia Lopes/Editorial Presença*

Ilustração da capa: *Victor Meijer*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, janeiro, 2018

Depósito legal n.º 434 065/17

Reservados todos os direitos  
para Portugal à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

### Terça-feira, 1 de janeiro de 2013

Mais um ano e continuo sem gostar de velhos. Aquele arrastar de pés atrás dos andarilhos, aquela impaciência imoderada, aquele eterno queixume, as bolachas e o chá, aqueles suspiros e gemidos.

Eu próprio tenho 83 anos e 3 meses de idade.

### Quarta-feira, 2 de janeiro

Entornou-se uma grande quantidade de açúcar. Para conseguir chegar melhor à mesa para a limpar com um pano da loiça, a senhora Smit poisou, por um instante, o seu prato com folhados de maçã sobre uma cadeira.

A senhora Voorthuizen chegou e pespegou o seu enorme traseiro exatamente sobre o prato com os folhados, sem sequer se dar conta.

Só quando a senhora Smit foi ver do prato é que alguém se lembrou de procurar debaixo da senhora Voorthuizen. Quando esta se pôs de pé, tinha três folhados de maçã colados à sua saia às florezinhas.

«Até ficam bem com o padrão», disse o Evert. Quase sufoquei de tanto rir.

Este belo início do ano novo poderia ter levado a uma galhofa de todo o tamanho mas, em vez disso, deu azo a três quartos de hora

de lamúrias sobre a questão da culpabilidade. De todos os lados vinham olhares irritados por eu, aparentemente, ter achado graça à situação. E eu, eu balbuciava desculpas.

Em vez de rir ainda mais, balbuciava desculpas.

Eu, Hendrikus Gerardus Groen, afinal sempre fui correto, afável, amigável, cortês e prestável. Não que eu fosse apenas isso, mas porque não podia ser de outra forma. Raramente disse o que queria dizer. Escolhi sempre o caminho seguro. A minha especialidade: nunca tomar partido. Os meus pais foram muito perspicazes quando me deram o nome de Hendrik: seria difícil encontrar outro nome mais honesto<sup>1</sup>. «Não conheces o Hendrik que, ao passar, tira sempre o seu chapéu em sinal de cortesia?» Assim sou eu.

Estava ainda a ficar deprimido comigo mesmo, pensei. Foi então que decidi mostrar um bocadinho do verdadeiro Hendrik Groen: exatamente durante um ano deixaria transparecer sem censuras o que penso da vida num lar de terceira idade em Amsterdão Norte.

Se morrer antes de passar o ano, paciência. Nesse caso pedirei ao meu amigo Evert Duiker que leia pequenos excertos do meu diário no meu funeral. Quando eu estiver, de corpo presente, numa pequena sala do crematório O Horizonte, devidamente lavado e estendido, o desconfortável silêncio é interrompido pela voz áspera do Evert, lendo algumas passagens bonitas, em voz alta, perante um público consternado.

Ainda tenho é de me preocupar com uma outra coisa: e se o Evert morre antes de mim?

Isso não seria nada simpático da parte dele, sobretudo porque eu tenho mais doenças e inchaços do que ele. Tens de poder contar com o teu melhor amigo. Vou falar com ele sobre este assunto.

---

<sup>1</sup> A expressão «Hendrik honesto», em neerlandês *brave Hendrik*, do texto homónimo da literatura infantil, da autoria de Nicolaas Anslin (1777-1838), denota, presentemente, uma pessoa fraca, medrosa, sem iniciativa nem energia, de quem nunca se esperaria uma travessura. (NT)

## Quinta-feira, 3 de janeiro

O Evert era um entusiasta, mas não queria garantir que viveria mais anos do que eu. Ele também tinha algumas preocupações. A primeira das quais era que ele, depois da leitura do meu diário, provavelmente teria de procurar uma nova habitação assistida. A segunda era o estado da sua dentadura. Essa última estava relacionada com uma tacada descuidada do Vermeteren a jogar bilhar. Desde que tem cataratas no olho direito, o Vermeteren tem de ter ajuda na pontaria. O Evert, sempre disposto a ajudar, ficou atrás dele a dar instruções, com o nariz na direção do taco. «Um pouco mais para a esquerda e um pouco de profundidade e...» e ainda antes de ter acabado de falar já o Vermeteren tinha partido ao meio a dentadura do Evert com a parte de trás do taco. Carambola!

O Evert vai ver se está na sua vez. E mal consegue perceber porque ceceia daquela forma. A placa tem de ser reparada antes de conseguir ler no meu evento. Mas não poderá ser, o técnico das próteses está com um esgotamento. Faz duzentos mil euros por ano, tem um esplendor de assistente, viaja para o Havai três vezes por ano e mesmo assim fica extenuado; como é que é possível?! Talvez seja melancolia causada por todos aqueles dentes postiços velhos onde, por vezes, os restos de comida ficavam tanto tempo que até se encontravam larvas. É uma maneira de dizer.

Este ano, os bolinhos fritos que serviam em baixo, na sala de convívio, eram da loja do projeto social. Ontem de manhã, por delicadeza, tirei um bolinho e demorei vinte minutos a dar conta dele, ainda por cima tive de fingir ter um atacador desatado para poder enfiar o último pedaço do bolinho na minha peúga, por baixo da mesa.

Não admira que a taça ainda estivesse cheia! Normalmente, aquilo que é grátis desaparece num abrir e fechar de olhos.

Na sala de convívio é servido café habitualmente por volta das 10:30. Se o café ainda não estiver servido dois minutos depois das dez e meia, os primeiros residentes começam logo a olhar, exageradamente, para os relógios de pulso. Como se ainda tivessem mais que fazer. Na hora do chá, que deve ser servido pelas 15:15, sucede o mesmo.

Um dos momentos mais emocionantes do dia: que docinho será servido hoje? Ontem e anteontem, ao café e ao chá, foram bolinhos fritos já feitos há muitos dias. Porque, obviamente, «nós» não vamos deitar comida fora. Então, é preferível sufocarmos com ela.

### Sexta-feira, 4 de janeiro

Ontem dei um pequeno passeio até à florista e comprei lá bolbos num canteirinho. Em pouco mais de uma semana rebentam os jacintos para voltar a chamar a primavera.

Na maior parte deste lar residencial, em abril ainda estão postos os arranjos de Natal. Ao lado de uma sanseveria velhíssima e uma prímula terminal. «É um pecado deitar fora.»

Embora a natureza possa desempenhar um papel animador na vida de uma pessoa, em todo o caso não no quarto e sala de estar de um idoso neerlandês. Aí, o estado de uma planta de interior é sobretudo um reflexo fiel da situação em que se encontra a pessoa que trata dela: à espera de um triste fim. Ou porque não têm mais nada que fazer ou por serem muito esquecidos, os velhotes regam três vezes ao dia uma planta dessas. A longo prazo, nem sequer uma sanseveria resiste.

A senhora Visser convidou-me para uma chávena de chá amanhã de manhã. Eu devia ter recusado, desde logo porque ela tresanda, mas disse-lhe que teria todo o gosto em ir. Lá se vai a minha manhã. Meu Deus, sou mesmo idiota! No momento decisivo, não me ocorreu qualquer desculpa, pelo que levei com conversa fiada e bolo seco. Para mim é um mistério como é que ela conseguiu, em pouco tempo, fazer cartão poeirento do mais húmido bolo. Eram precisas três chávenas de chá por cada fatia de bolo. Amanhã vou dar o exemplo e vou arriscar a segunda fatia. O início de uma nova vida.

Uma nova vida com sapatos acabadinhos de limpar. E passei nisto metade da manhã. A parte dos sapatos até foi bastante rápida. Perdi sobretudo muito tempo para conseguir tirar a graxa das

mangas da camisa. Mas agora estão bem reluzentes! Os sapatos. As mangas, essas, acabei por as dobrar para cima. Já nunca mais as consigo pôr limpas.

E vão atrair comentários, de certeza. «Senhor Groen, como é que anda sempre com as mangas tão imundas?»

A vida aqui consiste em sempre ou nunca. A comida num dia «nunca vem a horas e está sempre demasiado quente» e no dia seguinte «vem sempre cedo demais e nunca vem aquecida».

Já bastantes vezes alertei, cuidadosamente, as pessoas para o facto de estarem a proferir afirmações contraditórias com outras anteriores, mas a lógica não é para aqui chamada. «O senhor Groen sabe bem, não é?»

### Sábado, 5 de janeiro

Ontem voltou a haver festa ao jantar: havia arroz frito indonésio na ementa. A maior parte dos velhos rapazes e raparigas daqui são mais de purés de batata e legumes, para eles não vale a pena haver petiscos exóticos. Mesmo quando começou a haver esparguete nos Países Baixos, em meados dos anos 60, tinham de o cortar em pedacinhos. Não cabia no esquema: segunda-feira eram endívias; terça, couve-flor com um purezito; quarta, carne picada; quinta, feijão-verde; sexta, peixe; sábado, sopa com pão; e ao domingo, rosbife. Se quisessem fazer uma coisa mesmo louca, comiam carne picada na terça e ficavam o resto da semana transtornados.

Não apreciamos muito caprichos estrangeiros. Geralmente podemos escolher, com uma semana de antecedência, de entre três ementas diferentes, mas às vezes corre mal. Ontem, por qualquer razão confusa, havia apenas arroz frito indonésio. Teve qualquer coisa a ver com um engano nas entregas. Seguramente não teve nada a ver com o nosso cozinheiro.

Por isso, podíamos escolher arroz frito. Os que têm dietas complicadas tiveram pão.

Uma onda de indignação. A senhora Hoogstraten van Dam, que fazia questão de ser assim tratada, remexia apenas para pescar os

pedacinhos de ovo, o Van Gelder não comeu o arroz frito, mas toda a panela com vinagre, e o gordo Bakker pediu, em tom arrogante, molho de carne sobre o seu arroz.

O meu amigo Evert, que por vezes come connosco, quando já está farto das suas próprias artes culinárias, ofereceu sambal aos desprevenidos comensais. «Queres um pouco de *ketchup* sobre o arroz?»

Fez-se completamente de parvo quando a senhora De Prijker cuspiu a sua dentadura para cima da mistura de legumes. Com a tosse, a dentadura saltou, e o Evert passou-a depois em volta, para a esquerda e para a direita, como se fosse a chinela de vidro da Cinderela. E armou-se em ofendido quando a responsável da unidade lhe pediu satisfações. Ameaçou inclusivamente ir aos serviços de inspeção sanitária queixar-se por ter «encontrado» uma placa nos legumes.

Antes do jantar ainda tinha ido tomar chá com a senhora Visser, cuja tagarelice era tão fútil como o seu chá era aguado. Disse que o médico não me permitia comer bolo. Porque não? Respondi que era por causa do colesterol. Estava demasiado alto, num valor de 20 a 25. Apercebi-me do disparate mal acabei de o dizer, mas ela achou a minha afirmação perfeitamente inteligível. Ainda tive de levar comigo três fatias de bolo para quando o valor voltasse a baixar. Estão agora no aquário, no 3.º piso.

### Domingo, 6 de janeiro

Cada vez tenho mais perdas de urina. As cuecas brancas são muito adequadas para deixar perceber as manchas amarelas. Cuecas amarelas seriam muito mais práticas. Tenho bastante vergonha das senhoras da lavandaria. Então, o que eu agora faço é esfregá-las, para tirar as manchas maiores, antes de as entregar para lavar. Digamos que é uma pré-pré-lavagem. Se não entregasse nada, levantaria suspeitas. «Vestiu cuecas lavadas, senhor Groen?», iria perguntar a auxiliar rechonchuda da limpeza. «Não, auxiliar rechonchuda da limpeza, estas cuecas estão tão pegadas ao meu velho traseiro que vou mas é usá-las para o resto da minha vida», teria eu todo o gosto em responder-lhe.

É um dia difícil: todas as articulações do corpo estalam. Nada para este declínio. No máximo pode-se ter um diazito menos mau, de quando em vez, mas voltar a estar em pleno, isso nunca mais. Nunca mais vai voltar a nascer cabelo. Pelo menos na cabeça. No nariz e nos ouvidos é bem capaz. As veias não desobstruem. A corcunda não desaparece e a torneira lá de baixo não deixa de pingar. É uma via de sentido único em direção à cova, é o que é. Não se vai para novo, nem um dia, nem uma hora, nem um minuto.

Estou a queixar-me como um velho. Se me apetecer, o melhor é ir sentar-me na sala de convívio. É o melhor sítio para se matar o tempo. Não acredito que alguma vez se consiga passar meia hora sem que alguém traga uma doença à baila.

Acho que sou um pouco mais pessimista. É esperado que se goze a velhice, mas isso nem sempre é fácil, raisparta.

Está na hora de ir dar um passeio, afinal de contas é domingo à tarde. Depois um pouco de Mozart e um belo copázio de conhaque. Talvez ainda passe pelo Evert, que a sua rudeza tem boas qualidades terapêuticas.

## Segunda-feira, 7 de janeiro

Parece que se iniciou ontem uma investigação sobre a morte repentina dos peixes no 3.º andar. Ainda lá está a boiar muito bolo na água.

Não foi muito esperto da minha parte ter deitado o bolo da senhora Visser para o aquário. Se lhe chega aos ouvidos que os peixes morreram de uma *overdose* de bolo húmido, a pista vai conduzir diretamente até mim. Tenho de preparar a minha defesa e vou já passar pelo advogado Duiker para lhe pedir conselho. O Evert é perito em mentiras para se safar.

Neste lar não são permitidos animais, com exceção de peixes e pássaros, «contanto que não sejam maiores do que 10 e 20 cm respetivamente», era assim que estava escrito no regulamento interno. Para evitar que fôssemos buscar tubarões ou águias.

Foi complicado os donos deixarem, sem dó nem piedade, os seus cães e gatos para serem admitidos no lar A Decadência. Por muito calmos e sossegados, velhos e deficientes que fossem os amigos de quatro patas, regras são regras: vão para o canil e o gatil.

«Não, minha senhora, não importa se o *Maroto* é o único de quem a senhora gosta; nós não podemos abrir nenhuma exceção.

De facto, o seu gatinho passa o dia estendido no parapeito da janela, mas se permitimos um gato, haverá logo alguém a querer ter três cães dinamarqueses no respetivo parapeito. Ou um crocodilo roxo.»

A senhora Brinkman é a recordista cá do lar; conseguiu esconder um velho cão *dachshund*, que levou sete semanas a ser descoberto, no armário por baixo da pia. Provavelmente houve ali alguma traição em jogo. Tudo a fazer guerra e ainda denunciar um velho cachorro à diretora. E a diretora, em vez de entregar o caso ao carrasco que se incumba de o eliminar, preferiu deportar um cãozinho para o canil. O cachorro ainda lá ganiu durante dois dias e sucumbiu depois a uma morte miserável. E onde estava a proteção dos animais?

A diretora achou melhor não contar nada disto à senhora Brinkman. Quando a senhora Brinkman descobriu, três dias depois, a linha de elétrico que ia até ao canil, já o cão estava debaixo de terra.

A senhora Brinkman perguntara se o cãozinho podia ser sepultado junto dela quando ela própria morresse. «As regras não permitem», foi-lhe dito entretanto.

Amanhã de manhã tenho de ir ao médico.

### Terça-feira, 8 de janeiro

Estava pendurado um aviso no quadro de informações ao pé do elevador.

Foi encontrada uma grande quantidade de bolo no aquário do 3.º piso. Os peixes do aquário morreram por terem comido o bolo.

Pede-se a quem tenha informações sobre esta ocorrência que comunique o mais depressa possível à senhora De Roos, responsável da unidade. Pode garantir-se o anonimato, se pretendido.

Às 11:00 passei pela sala da senhora De Roos. Um curioso capricho do destino, ter este nome, que significa «rosa». Senhora dona Urtiga teria sido uma homenagem muito maior.

Seria lógico que as pessoas verdadeiramente feias fossem supersimpáticas, para compensar, mas aqui parece suceder o oposto: ela era uma parede robusta de rabugice.

Mas seja: senhora dona Rosa, portanto.

Contei-lhe que talvez pudesse fornecer algum esclarecimento sobre o incidente do bolo. Entretanto, já me ouvia com toda a sua atenção. Disse-lhe que não tinha querido arriscar comer o bolo caseiro da senhora Visser e que tinha posto as fatias num prato na copa do 3.º andar, acreditando piamente que um dos residentes iria aceitar este presente anónimo. Com grande pesar, constatei que, de alguma forma, o bolo foi parar no aquário e que o meu prato azul tinha desaparecido.

A De Roos ouvia-me com indisfarçável desconfiança. Porque é que eu não o comi? Porquê logo no 3.º andar? Alguém podia confirmar a minha história?

Pedi-lhe que este incidente ficasse entre nós. Ela iria ver o que poderia fazer por mim.

Em seguida foi investigar como é que a senhora Visser tinha conseguido fazer um bolo. Era proibido cozinhar nos quartos. Apressei-me a dizer que não tinha a certeza se tinha sido ela mesma a fazê-lo, mas era tarde demais: o incidente do bolo já era público. Perderia a simpatia da senhora Visser; o que não era nenhuma catástrofe. Mas a desconfiança, da qual já não havia falta, seria alimentada durante semanas e os mexericos iriam fervilhar.

Ainda fui ao médico, que estava doente. Se ele não melhorar, na segunda-feira virá um substituto. Para situações de urgência podíamos ir diretamente a um médico de um lar residencial da concorrência. Alguns preferem morrer do que mostrar as goelas enrugadas «ao charlatão do lar O Crepúsculo». Outros preferem

chamar logo o helicóptero das urgências por cada peido. A mim não me fazia muita diferença qual o médico que me diz que não há muito a fazer.

### Quarta-feira, 9 de janeiro

Ontem fiquei um bocadinho transtornado por toda a trapalhada com os peixes degelados. De todo o chá da senhora Visser e dos nervos, apanhei uma valente diarreia. Metade da manhã sentado na sanita com um velho conjunto de revistas que tirei emprestadas da sala de convívio.

Que bonito: «sala de convívio», mas as aparências iludem. Devia antes chamar-se «sala BMQ»: a sala da baba, mexericos e queixumes. Uma tarefa diária para alguns.

O Evert ainda passou por cá e contou-me os últimos desenvolvimentos pela porta da casa de banho: todos desconfiam de todos e veem em cada colega de lar um potencial assassino de peixes. A minha ausência gerou suspeitas. Perguntei ao Evert se ele poderia divulgar discretamente a minha diarreia, como uma espécie de álibi. Eu próprio não podia fazer muito mais além de deixar entreaberta a porta da casa de banho e a porta para o corredor. Normalmente consigo arejar bem sozinho mas agora estou a ficar enjoado de mim. Em duplo sentido, porque sou afinal um montinho de caca calculista, uma metáfora muito adequada a esta situação.

Por falar em arejar, preciso mesmo de sair. Depois de um dia a tostar com Imodium já voltei a atrever-me a sair. À procura da erva-hemorroidal que, segundo o jornal e o almanaque *Borda d'Água*, é o primeiro verdadeiro sinal da primavera (pois então). Se, além da erva-hemorroidal, encontrar também uma pequena petasites, cicuta ou uma violeta, então a primavera já estará mesmo aí. Só não faço ideia do aspeto das plantinhas.

A natureza leva um avanço de seis semanas sobre si mesma. Porém, más notícias para as aves migratórias que tinham decidido não migrar precisamente este ano, vem lá frio.

## Quinta-feira, 10 de janeiro

Este lar tem um bonito jardim. Mas, por razões pouco claras, está fechado. Ninguém lá pode ir no inverno. Provavelmente paternalismo. A direção sabe o que é bom para os residentes.

Por isso, nesta altura, para apanhar um pouco de ar fresco, tive de me ficar pelo exterior à volta do lar. Apartamentos feiosos de finais dos anos 60. Faixas de relva que servem mais de depósito de lixo. Parece que as carripanas da limpeza municipal que passam à noite espalharam o lixo em vez de o recolher. Caminha-se num mar de latinhas, pacotes de batatas fritas e jornais velhos. Os primeiros moradores dos apartamentos já quase todos se mudaram para uma moradia em banda em Purmerend ou em Almere. Só cá ficou quem não tinha dinheiro suficiente para isso. Famílias turcas, marroquinas ou surinamesas ocuparam as habitações vagas. Não se forma uma mistura muito sociável.

O meu raio de ação é presentemente de cerca de duas vezes 500 m com um banquinho a meio do percurso. Não fui muito mais longe que isso. O mundo torna-se pequeno. A partir do lar tenho quatro passeios diferentes de cerca de um quilómetro.

O Evert acabou de passar por cá. Ele aprecia imenso o alvoroço em torno da morte dos peixes e engendrou um plano para atirar mais uma acha para essa fogueira. Quer perpetrar um segundo atentado, desta vez com bolachas judaicas. Ontem apanhou o autocarro até um supermercado a uns quilómetros daqui para as adquirir. Aqui no nosso minimercado interno iriam seguramente lembrar-se da sua compra. As bolachas estão agora no meu armário. Perguntei-lhe se ali estariam seguras. «Estamos num país livre e cada um pode guardar em sua casa tantas bolachas judaicas quantas quiser», respondeu-me. Eu tinha algumas reticências com este tipo de bolachas. Mas estas tinham uma gracinha: eram cor-de-rosa. Ele esperava, por isso, obter um efeito de cor mais bonito.